

EDUCAÇÃO SEM MEDIAÇÃO DOCENTE NO FACEBOOK: UM ESTUDO DE CASO NA ÁREA DE TRADUÇÃO

Clarissa Rosas
Universidade Federal da Paraíba
rosas.trad@gmail.com

Walter Dias
Universidade Federal da Paraíba
wdiasit@gmail.com

Resumo: A Internet hoje se apresenta como ferramenta de conectividade, colaboração e utilidade, com cada vez mais aplicativos que atendem às demandas da sociedade em rede. As redes sociais, que são uma modalidade desses aplicativos, colocam à disposição do usuário um espaço virtual para interação, comunicação e compartilhamento com outras pessoas de interesses semelhantes. Neste trabalho, investigamos o uso da rede social Facebook para fins pedagógicos de forma não mediada por um docente, com vistas a desenvolver a autonomia do estudante, realizando um estudo de caso na área de Tradução. Para tanto, estudamos as interações de usuários em 3 importantes grupos de estudantes e profissionais no Facebook com o propósito de observar a recepção dos membros dos grupos a dúvidas pedagógicas, classificando como “pertinentes” ou “impertinentes” as respostas obtidas a 30 questionamentos feitos por participantes em cada um desses grupos, totalizando 90 perguntas analisadas. Observamos uma média elevadíssima de dúvidas solucionadas, de 90%, o que indica a relevância de se adotar a pesquisa em grupos de Facebook como recurso pedagógico para estudantes de Tradução. Sugere-se, com a devida precaução, que os resultados possam ser extrapolados a estudantes de outros cursos do ensino superior.

Palavras Chave: Facebook. Redes sociais. Grupos.

1 A SOCIEDADE EM REDE, O CIBERESPAÇO E O FACEBOOK

A partir da década de 1960, um novo mundo passou a tomar forma com a coincidência de três processos históricos independentes, conforme explica Castells (1998, p. 372): a revolução da tecnologia da informação, a crise econômica e o florescimento dos movimentos sociais culturais. Segundo o autor, “a interação entre esses processos e as reações desencadeadas criaram uma nova estrutura social dominante, a sociedade em rede; uma nova economia, a economia global informativa; e uma nova cultura, a cultura da virtualidade real” (CASTELLS, 1998, p. 372, tradução nossa).

Nas últimas décadas, a constante evolução da World Wide Web (WWW, ou apenas Web) e a ampla difusão das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) têm proporcionado o surgimento de aplicativos e ferramentas que possibilitam uma sociedade em rede cada vez mais conectada, interativa, globalizada e colaborativa. Esse cenário diminui as distâncias e possibilita a aproximação de indivíduos com interesses em comum em um ciberespaço.

De acordo com Lévy (1999[1997]), o ciberespaço é “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (p. 93). O autor explica que uma das principais condições para o desenvolvimento do ciberespaço é sua condição de suporte à inteligência coletiva (p. 27) e que sua emergência se origina em um movimento social, “com seu grupo líder (a juventude metropolitana escolarizada), suas palavras de ordem (interconexão, criação de comunidades virtuais, inteligência coletiva) e suas aspirações coerentes” (p. 123). Nesse cenário, a Internet se apresenta como ferramenta de conectividade, colaboração e utilidade, com cada vez mais aplicativos que atendem às demandas da sociedade em rede. As redes sociais, que são uma modalidade desses aplicativos, colocam à disposição do usuário um espaço virtual para interação, comunicação e compartilhamento com outras pessoas de interesses semelhantes.

O Facebook, uma dessas redes sociais, foi lançado em 2004 e, em 2017, ultrapassou 2 bilhões de usuários, o que o torna a maior rede social virtual do mundo. Seu uso é amplamente difundido no Brasil, em especial entre os jovens, que cada vez mais têm acesso a computadores e smartphones conectados à Internet nos quais podem instalar o aplicativo para se comunicar com amigos, visitar páginas, frequentar grupos e realizar diversas outras atividades. Assim, se justifica a escolha dessa plataforma para o estudo realizado.

2 O USO DE MEIOS DIGITAIS NO ENSINO SUPERIOR

A inserção dos meios digitais no espaço pedagógico é contundente e irreversível. Esse fato deve ser visto com bons olhos, posto que a utilização adequada de recursos digitais proporciona novas ferramentas de trabalho e aprendizagem. Uma ferramenta social como o WhatsApp, por exemplo, pode ser útil para aproximar o professor da turma, permitindo inclusive que o professor observe e participe do trabalho de grupos, o que antes acontecia de forma não observável – já que os grupos se reúnem fisicamente para discutir, em horários extraclasse, exclusivamente em ambientes não monitorados pelo professor, e a reunião virtual do grupo via WhatsApp pode permitir que o professor acompanhe o andamento das discussões e do trabalho.

De modo geral, as redes sociais se apresentam como uma ferramenta de grande utilidade para colocar em contato alunos e professores, e seu maior trunfo para a educação é sua falta de especificidade – essas redes não se prestam unicamente a escrever textos (como o Blogger), ou a carregar vídeos (como o YouTube), ou a consultar páginas informativas (como a Wikipédia) –, conforme explica Haro Ollé (2010). Em lugar disso, podem-se dar usos diversos a essas redes, de acordo com as necessidades e os propósitos estabelecidos pelos docentes e pelo processo educativo (HARO OLLÉ, 2010, p. 2).

O uso das redes sociais oferece oportunidades para o aluno aprender a se comportar em um espaço virtual com professores, colegas e profissionais, tanto em contatos individuais quanto em grupos, e tanto em espaços controlados – como um grupo próprio da sua turma ou disciplina – quanto em espaços não controlados – como grupos gerais de estudantes e profissionais. Esse tipo de experiência, conforme discute Haro Ollé (2010, p. 4), proporciona um exercício de responsabilidade e maturidade, posto que o aluno deve aprender a manter suas próprias iniciativas dentro de limites apropriados, o que pode ter grande valor educativo.

Muitos estudos demonstram como o Facebook pode apoiar o ensino e muito se debate sobre a adequação de utilizá-lo como recurso pedagógico. É frequente que, para esse tipo de estudo, se considere o uso da plataforma com mediação de um professor, quer seja por meio da criação de um grupo exclusivo para determinada disciplina, onde o professor fomenta debates, disponibiliza textos e vídeos, etc; quer seja para elaborar atividades que podem ser disponibilizadas pelo professor aos alunos por meio de recursos específicos do Facebook. Nesses casos, a ferramenta pode ser vista como um apoio à atividade de ensino clássico ministrada por um professor, seja como estudo presencial ou à distância. Aqui, investigamos o uso da plataforma para fins pedagógicos de forma não mediada pelo docente, com vistas a desenvolver a autonomia do estudante. Nessa situação, os estudantes são incentivados pelo professor a participar de grupos, já existentes no Facebook, que aceitem estudantes da área.

Conforme explica Sforni (2008), a mediação na educação é um conceito importante, posto que a atual valorização do professor superou a ideia, antes em voga, de que a aprendizagem deveria ser espontânea e de que a construção do conhecimento cabia unicamente aos estudantes, restando ao professor apenas acompanhar esse processo. De acordo com a autora, a concepção espontaneísta resulta em um contexto de ausência de foco na atividade pedagógica e afirmar o papel do professor como mediador no processo de aprendizagem estudantil ajuda a resgatar o valor social desse profissional. Ademais, segundo Sanceverino (2018), a mediação dialógica presente nas interações em sala de aula permite aos sujeitos da aprendizagem produzir estratégias intelectuais que possibilitam a produção ou apropriação de conhecimentos.

Sforni (2008) afirma ainda que, no processo de ensino, a interação entre pessoas assume uma característica bem definida: a intencionalidade. Essa interação tem uma finalidade específica, o que é evidente para todos os envolvidos na atividade. Na sala de aula, a interação entre docentes e discentes – bem como entre os próprios discentes – é diferenciada, posto que essa interação tem sempre em primeiro plano o estudo. A intencionalidade da interação voltada para o estudo e a dupla mediação do contexto pedagógico, que diz respeito à relação entre professor e estudantes e à relação entre estudantes e conteúdo de ensino, podem ser reproduzidas em grupos de uma plataforma como o Facebook, nos quais a mediação ocorre entre os estudantes e os pares e entre os estudantes e o conteúdo veiculado. Atualmente, em muitas situações, os docentes já orientam os alunos a recorrer e participar desses grupos.

Ao tratar do uso do Facebook como um recurso pedagógico não mediado pelo docente, reconhecemos a importância de uma mediação preliminar em sala de aula, na qual o professor fica responsável por explicar as possibilidades de uso da ferramenta, as vantagens de se poder consultar os pares em dias e horários diversos, o uso adequado da linguagem para aumentar as chances de resposta pertinente nos grupos, etc. Adotamos uma abordagem construtivista, na qual o aluno é um elemento ativo que age e constrói sua aprendizagem em um processo de troca mútua entre o indivíduo e o meio, tendo o outro como mediador. A partir desse ponto, atendem-se as condições necessárias para ampliar a autonomia do estudante e potencializar a aprendizagem dos conteúdos trabalhados em sala de aula.

3 OBJETIVOS DO ESTUDO

Na formação de tradutores e em sua prática profissional, é notável a relevância do uso de tecnologias da informação e comunicação (TIC). Essa é uma área na qual, reconhecidamente, se passa muito tempo em frente ao computador, pois para traduzir se utilizam diversas ferramentas computacionais de apoio à tradução, como memórias de tradução, *corpora*, gerenciamento de terminologia, entre outras – além das usuais ferramentas de edição de textos, como Word; das ferramentas de pesquisa lexicográfica, como dicionários e glossários; e de mecanismos de busca na Internet, como Google. Tendo em vista que se trata de um trabalho que exige o uso de ferramentas computacionais e Internet, o que faz com que o estudante ou profissional trabalhe frente a um computador conectado, parece adequado propor recursos pedagógicos que aproveitem essa condição.

Na investigação que realizamos, são estudadas as interações de usuários (não necessariamente alunos) em grupos de estudantes e profissionais, com o propósito de observar a recepção dos membros dos grupos a dúvidas pedagógicas – que, na área em questão, referem-se principalmente a problemas de tradução, uso de ferramentas de apoio à tradução, formação profissional e mercado de trabalho. Tal observação tem como objetivo verificar a utilidade de se adotar a pesquisa em grupos de Facebook como recurso pedagógico para a formação do tradutor e, de forma mais ampla, para estudantes do ensino superior. Como objetivo específico, visamos verificar a pertinência dessa abordagem para o fomento à autonomia do estudante e a complementaridade dos assuntos estudados em sala de aula.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a investigação proposta, escolhemos realizar um estudo de caso descritivo, de modo a analisar quali-quantitativamente o fenômeno a partir de seu contexto real. Segundo Sampieri, Collado e Lucio (2006, pp. 100-101), os estudos descritivos “se centram em coletar dados que mostrem um evento, uma comunidade, um fenômeno, feito, contexto ou situação que ocorre”. Os autores explicam que em um estudo desse tipo selecionam-se questões e medem-se (no caso de pesquisas quantitativas) ou coletam-se informações (no caso de pesquisas qualitativas) sobre cada uma delas, para assim descrever o que se pesquisa. A estratégia de nosso estudo é empírica e abrange coleta, medição e análise de dados; portanto, adota um método quali-quantitativo.

Partimos da hipótese de que a consulta a grupos (autônomos, que dispensam a figura do docente ou moderador orientador) da área de Tradução no Facebook pode funcionar como uma forma eficiente de resolver dúvidas pedagógicas. Para tanto, dentre 196 grupos detectados que incluem as palavras-chave “tradução” ou “tradutor”, selecionamos 3 grupos de tradutores pelo critério “maior número de membros”, observando também a média de postagens diárias informada pela própria plataforma. Em cada grupo escolhido, analisamos retroativamente 30 postagens realizadas a partir do dia 12 de abril, data estabelecida randomicamente, por sorteio. A escolha de 30 postagens de cada grupo cumpre com o requisito estabelecido pelo estudo de Moscarola (1990, p. 63), que determinou que amostras inferiores a 30 observações têm iguais chances de refletirem a realidade ou de estarem completamente erradas. Os grupos selecionados são os seguintes:

1. *Tradução e Interpretação Profissional*: define-se como um “grupo para tradutores e intérpretes profissionais debaterem assuntos relacionados à prática profissional, ao mercado e a aspectos da vida que só alguém com a nossa profissão entende”. Contava, em 19.04.2018, com 4.041 membros.

2. *Tradutores / Intérpretes*: define-se como um “espaço que tem por objetivo abrigar discussões sobre terminologia, CAT tools, técnicas tradutórias e ampliar a rede de contatos de estudantes e profissionais da área de tradução e interpretação”. Contava, em 19.04.2018, com 12.893 membros.

3. *Tradutores, Intérpretes e Curiosos*: sua descrição explica que “postagens sobre todos e quaisquer assuntos relativos a tradução, interpretação, revisão e curiosidades relacionadas são bem-vindas”. Contava, em 19.04.2018, com 25.505 membros.

Quadro 1: Grupos selecionados. Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados coletados no Facebook (2018).

Como se percebe, os grupos têm perfis um pouco distintos. O primeiro está voltado especificamente para profissionais da área e reúne um número menor de membros; o segundo atende a estudantes e profissionais e tem um número intermediário de membros (em relação aos outros dois escolhidos); e o terceiro recebe profissionais, estudantes e curiosos e conta com o maior número de membros. Nesse *corpus* de estudo, que reúne grupos que vão de um público mais específico a um mais abrangente, analisamos a recepção dos membros dos grupos a dúvidas, classificando as respostas oferecidas como pertinentes (quando oferecem solução para o problema) ou impertinentes (quando desenvolvem discussões paralelas que não respondem a dúvida apresentada).

5 RESULTADOS DO ESTUDO

No grupo mais restrito, *Tradução e Interpretação Profissional*, observamos 30 postagens com dúvidas entre 13 de março e 12 de abril de 2018. Esse é um grupo que tem uma média de 160 postagens em 30 dias. Como resultado, identificamos 26 postagens com respostas pertinentes, 1 com resposta impertinente e 3 sem resposta, totalizando 87% de dúvidas solucionadas. A postagem com respostas impertinentes apresenta uma dúvida de terminologia, mas não informa o par de idiomas ao qual se refere, o que levou a questionamentos nesse sentido. As postagens sem resposta referem-se a busca de informações sobre uma escola de hebraico, busca por bibliografia digitalizada e busca por glossário de moda e vestuário. É interessante notar que a pergunta sobre a escola de hebraico, que nesse grupo ficou sem resposta, foi devidamente respondida no grupo mencionado a seguir, que conta com um número maior de participantes.

No grupo intermediário, *Tradutores / Intérpretes*, observamos 30 postagens com dúvidas entre 27 de março e 12 de abril de 2018. Esse é um grupo que tem uma média de 231 postagens em 30 dias. Como resultado, identificamos 27 postagens com respostas pertinentes, 2 com resposta impertinente e 1 com respostas tanto pertinentes quanto impertinentes, totalizando 93% de dúvidas solucionadas. As postagens com respostas impertinentes apresentam uma dúvida terminológica para a qual se pede contexto e um problema de tradução na área de economia, com texto bastante longo e mais de uma dúvida. A postagem com respostas tanto pertinentes quanto impertinentes é uma série de dúvidas de tradução com texto muito longo, que recebeu comentários criticando o tamanho do texto, além de respostas que ajudam de fato.

Finalmente, no grupo mais aberto, *Tradutores, Intérpretes e Curiosos*, observamos 30 postagens com dúvidas entre os dias 8 e 12 de abril de 2018. Esse é um grupo que tem uma média de 754 postagens em 30 dias. Como resultado, identificamos 24 postagens com respostas pertinentes, 3 com respostas tanto pertinentes quanto impertinentes e 3 sem resposta, totalizando 90% de dúvidas solucionadas. As postagens com respostas tanto pertinentes quanto impertinentes apresentam um pedido de glossário “completo”, que recebeu crítica informando que nenhum glossário é completo; um problema de tradução, para o qual se pediu mais contexto; e uma dúvida de redação em inglês, que recebeu comentários sarcásticos. Nos 3 casos, contudo, outros comentários apresentaram soluções para os questionamentos. As postagens sem resposta referem-se a uma busca específica por um conto coreano, uma dúvida de tradução (mal escrita e sem contexto) e um pedido de orientação para adentrar no campo da tradução literária.

Em suma, observamos uma média de 90% de dúvidas solucionadas, mesmo nos casos que receberam também respostas impertinentes. As respostas impertinentes, de modo geral, estão atreladas a insuficiência de informação na pergunta apresentada, o que demanda pedido de informação complementar. Esses casos, ainda que obtenham respostas pertinentes, costumam resultar em atraso na solução da dúvida. É possível, também, que aquele membro que se dispôs a pedir a informação faltante tenha a resposta, mas não esteja mais disponível para responder quando o autor da pergunta esclarecer os pontos obscuros. No caso da área de Tradução, é comum que os membros dos grupos solicitem informações como contexto e par de idiomas.

Outrossim, o acompanhamento frequente das postagens nos grupos permite perceber um aspecto tanto curioso quanto relevante: perguntas banais ou muito repetidas costumam ter recepção negativa, enquanto que perguntas de difícil solução, que demandam muita pesquisa ou exigem consulta a especialistas, encontram recepção positiva. Dúvidas do tipo “como faço para entrar no mercado de trabalho?”, por exemplo, parecem ser malvistas, posto que perguntas semelhantes já foram respondidas inúmeras vezes. Nesse sentido, a descrição do grupo *Tradutores / Intérpretes* faz uma ressalva: “Antes de postar qualquer tipo de pergunta/pedido de ajuda, favor pesquisar na lupa do grupo para ver se já não tem algo respondido anteriormente”. Na prática, observamos que a mesma recomendação se aplica aos demais grupos e que deve ser praticada pelos consultantes.

Como exemplo, examinamos uma postagem feita por um estudante no grupo *Tradutores, Intérpretes e Curiosos* em 12 de junho de 2018. O estudante questiona aos demais membros do grupo o que deve falar para um cliente “quando ele é impaciente e pede o valor antes do trabalho ser feito”, supondo que deveria primeiro fazer o trabalho de tradução para, então, contar as palavras do texto traduzido e informar ao cliente o valor a ser pago (no caso, o estudante cobraria um valor X por palavra, o que é uma prática comum na área de tradução).

A pergunta rendeu 100 comentários, alguns deles sarcásticos, mas a maior parte de boa-fé, advindos de participantes que realmente buscaram ajudar.

De modo geral, as pessoas esclareceram que é de praxe dar o valor antes de fazer o trabalho e que é preciso passar um orçamento ao cliente. Segundo explicaram, pode-se estabelecer o valor com base em palavras, laudas, caracteres ou páginas do original, posto que não tem como um cliente aceitar que um serviço seja prestado sem saber quanto vai pagar por esse serviço. Inclusive, foi esclarecido que o código do consumidor obriga qualquer prestador de serviço a apresentar um orçamento antes de executar o serviço e, caso haja acréscimo no decorrer do trabalho, o contratante deve ser avisado e o novo valor, acordado.

A ingenuidade da pergunta, vinda de um estudante com pouco conhecimento do mercado de trabalho, rendeu ainda comentários sarcásticos e memes¹, o que a princípio podemos considerar como um desencorajamento à participação de estudantes no grupo. Contudo, vários participantes combateram tais posturas ao relembrar que ninguém nasce sabendo, que é preciso respeitar, que o rapaz nunca fez um serviço de tradução profissional na vida e não deveria ser motivo de riso nem de gozação. Frente a tais comentários, o estudante esclareceu que seus professores lhe disseram que se cobra a partir do texto final, quando se tem a contagem das palavras que foram traduzidas, e não a partir do texto original, como lhe informaram no grupo.

Com isso, obteve ainda comentários de outros membros do grupo, que afirmaram conhecer e praticar as duas modalidades de pagamento, tanto com base no texto original como no texto traduzido, e que há agências de tradução que pagam a contagem final de laudas ou palavras. Assim, o estudante compreendeu que é possível praticar as duas formas de cobrança para seu serviço, desde que forneça um orçamento preliminar ao cliente para aprovação. Ou seja, a discussão no grupo possibilitou que o estudante ampliasse o conhecimento adquirido em sala de aula, em que o docente mostrou uma das formas de atuação no mercado de trabalho, e assim o discente pôde construir uma ideia mais completa de como funciona o mercado da tradução.

O exemplo acima ilustra o caso de uma pergunta considerada banal por membros mais experientes do grupo, o que como explicamos costuma receber respostas impertinentes (como sarcasmo ou memes). Todavia, é notável que mesmo nesses casos costumam surgir respostas pertinentes que elucidam a dúvida, o que é particularmente frequente quando o perguntante se coloca de forma clara e cortês. Desse modo, o aluno exercita também suas habilidades interpessoais em um espaço virtual com professores, colegas, profissionais e mesmo curiosos ou amantes da área.

Retomando a importância da mediação docente preliminar em sala de aula para a prática de consulta a grupos no Facebook por parte dos discentes, ressaltamos a pertinência de orientar a turma quanto ao uso correto e adequado da linguagem ao dirigir-se a seus pares, o que deve ser observado em qualquer área das ciências, mas é especialmente relevante no caso de cursos como Tradução, Letras, Jornalismo e outros que têm a língua como instrumento de trabalho. Além disso, essa mediação docente preliminar visa a apresentar as possibilidades de utilizar a plataforma das redes sociais como ferramenta de pesquisa, de modo a complementar de forma autônoma, durante o desenvolvimento das tarefas feitas em casa, o conhecimento construído em sala de aula.

¹ Memes são ideias ou conceitos, propagados pela Internet, que se relacionam ao humor e podem assumir a forma de vídeo, imagem, gif, hashtag, ou mesmo uma palavra ou frase. Os memes se espalham de pessoa para pessoa especialmente por meio das redes sociais e em geral tornam-se virais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O alto valor do percentual médio de dúvidas solucionadas indica fortemente a relevância de se adotar a pesquisa em grupos do Facebook como recurso pedagógico para estudantes de Tradução. Ademais, os resultados sugerem, por analogia que deve ser entendida com cautela, que podem ser extrapolados a estudantes de outros cursos do ensino superior. Para tanto, parece importante que o estudante observe o perfil de cada grupo e fique atento à dinâmica destes, de modo a identificar formas mais efetivas de formular seus questionamentos e aprender a se comportar em um espaço virtual com professores, colegas, profissionais e até curiosos/amantes da área. Esses espaços funcionam como um exercício de responsabilidade e maturidade.

Observamos que a intencionalidade da interação voltada para o estudo e a dupla mediação do contexto pedagógico, formada pela tríade professor-estudante-conteúdo, são reproduzidas nos grupos analisados, nos quais a mediação pode ocorrer entre os estudantes e seus pares e entre os estudantes e o conteúdo veiculado. Assim, o recurso se mostra eficaz para a solução de dúvidas pedagógicas e pode ser indicado pelo docente como forma de complementar e expandir o conteúdo visto em sala de aula, posto que transcende o horário reservado para a aula e pode ser acessado a qualquer momento, em qualquer dia, de modo que o aluno pode buscar respostas de forma autônoma em momentos nos quais o professor não está disponível.

7 REFERÊNCIAS

CASTELLS, Manuel. *End of Millennium: The Information Age. Economy, Society and Culture*, v.3. Oxford: Blackwell, 1998.

HARO OLLÉ, Juan José de. *Redes sociales para la educación*. Colección Manuales imprescindibles. Madrid: Anaya Multimedia, 2010.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999. [Título original: *Cyberculture*, 1997]

MOSCAROLA, Jean. *Enquêtes et analyse de données*. Paris: Vuibert, 1990.

SAMPIERI, Roberto Hernandez; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, María del Pilar Baptista. *Metodologia de Pesquisa*. 3ª. ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

SANCEVERINO, Adriana Regina. Mediação pedagógica na educação de jovens e adultos: exigência existencial e política do diálogo como fundamento da prática. In: *Revista Brasileira de Educação*. 2016, vol. 21, n. 65, pp. 455-475. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782016216524>>. Acesso em: 05 jun 2018.

SFORNI, Marta Sueli de Faria. Aprendizagem e Desenvolvimento: o papel da mediação. In: Vera Lúcia Fialho Capellini; Rosa Maria Manzoni. (Org.). In: *Políticas públicas, práticas pedagógicas e ensino-aprendizagem: diferentes olhares sobre o processo educacional*. Bauru – UNESP/FC/SP: Cultura Acadêmica, 2008. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/cursosobjetosaprendizagem/sforni_mediacao.pdf>. Acesso em: 05 jun 2018.